

COMUNIDADE QUILOMBOLA

CASINHAS

JEREMOABO/BA

1



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**

**COMUNIDADES
TRADICIONAIS
QUILOMBOLAS**

HISTÓRIA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL - PROJETO QUILOMBOS

COORDENAÇÃO DO PNCSA - PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA
Alfredo Wagner Berno de Almeida (PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO QUILOMBOS
Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS, JEREMOABO/BA

Série: Comunidades Quilombolas

COORDENAÇÃO DA PESQUISA
Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques

EQUIPE DE PESQUISA

Aline Franco Sampaio Brito, Alzení de Freitas Tomáz, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Arthur Lima da Silva, Augusto Flávio da Silva Roque, Bruna Graziela Cordeiro dos Santos, Daniela Santos Silva, Danilo Borges e Silva de Araújo, Danilo Cardoso da Silva, Gisele da Silva Conceição, Jakeline Alves Silva Muricy, Joaquim Alves Novaes, Juracy Marques, Lilian Pinto da Silva Santos, Maria de Fátima Santos de Lima, Maria do Socorro Silva, Maria Rosa Almeida Alves, Nacho Vega Fernández, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Robson Marques dos Santos, Silvia Janayna de Oliveira Veriato, Suana Silva.

PARTICIPANTES DA OFICINA

Adevaldo de Jesus, Benício de Santana, Elieide Josefa de Oliveira Santana, Eliseu Bispo, Emanuel, Genilda de Jesus, Gicelma Santana França, Givanilda Josefa de Carvalho, Jardilina Rosa de Jesus, José Cruz França dos Santos, José Domingos Bonfim da Cruz, José Judito da Silva, José Lino de Santana, José Nildo Carvalho (Didi das Casinhas), José Raimundo da Silva Carvalho (Cidinho), Josefa Gonçalves da Cruz, Josefa Maria de Jesus (Zefinha), Josina Raimunda de Jesus, Laura Joana Xavier, Luziana Silva Santana de Jesus, Maria de Jesus, Maria de Jesus Gonçalves (Dona Santa), Maurinda Maria de Jesus, Niralda Silva Santos, Raimunda de Jesus Gonçalves, Sara Janeiro Lucicléia, Sonayde França dos Santos.

FOTOS

Jinorman Pereira
Arquivo da Nova Cartografia Social do Brasil – Núcleo São Francisco

MAPA

Álvaro Eduardo Mascarenhas Ribas, Alzení de Freitas Tomáz, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Eder Marinho, Juracy Marques, Lucas Martins.

DIGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ana Paula Silva de Arruda

ISBN Impresso: 978-65-5732-009-9

ISBN Ebook: 978-65-5732-008-2

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fátima Santos de Lima | Bibliotecária-Documentarista CRB - 5ª / 1801

N935 Nova Cartografia Social do Brasil da Comunidade Quilombola de Casinhas: Jeremoabo – Bahia. [recurso eletrônico]. / Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques (coord.). Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020. (Série Comunidades Quilombolas, 1)

n. 1; (12 p): il. color.

1 folheto.

Título da capa: Comunidade Quilombola Casinhas: Jeremoabo - Bahia.

Coordenação do Projeto Quilombos: Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho.

Disponível em: http://sabeh.org.br/?page_id=22

ISBN: 978-65-5732-008-2

1. Identidade. 2. Território. 3. Tradição. 4. Comunidade Quilombola. I. Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais d Bacia do São Francisco. II. Título. III. Série.

CDU: 39
CDD: 306



Figura 1: Povoado da Comunidade Quilombola Casinhas, Jeremoabo. (PEREIRA)

Mais de um século depois da abolição da escravatura ainda persistem no Brasil, Vilas, Povoados e diversos tipos de Comunidades Afrosdescendentes organizados no passado pelos escravos fugidos como espaço de liberdade, de sobrevivência e de preservação de valores. Procurando sair da invisibilidade e do processo de exclusão que são submetidas à Comunidade de Casinhas, localizada na Ecorregião do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, resolveu resgatar sua história.

Eu ouvi meus avós falando que os avós deles, mais ainda atrás, diziam que aqui era só mata, serra e não morava ninguém, mas como tinha aquele negócio dos negros trabalharem para os coronéis de graça, era aquele cativo danado. Aí foi que fugiram os negros, uns negros não sei de onde, fizeram umas casinhas ali embaixo, porque casinhas não era aqui, era ali embaixo, aí foi crescendo as famílias, aí continuou esse nome Casinhas e foi crescendo a região, e por isso que tem essa negraria que vai até aos caboclos. É por isso, fundei essa Associação Quilombola, porque meus avós já falavam dos avós deles que eram fugidos e vieram se esconder aqui. Só que o desenvolvimento cresce e hoje já tá assim. (Seu Didi)

Minha mãe sentada no terreiro de casa nos contava, que os negros vinham corridos e meu bisavô dizia que os bisavôs dela trabalhava no reio, tirava até música de nego. Nós fazíamos pergunta a ela e ela falava que a mãe dela contava pra ela, que eles tinham vindo corrido, que fazia eles trabalharem apulso, no reio. Tinha história que ela que ela chorava, mãe contando a nós, ela chorava. Aí diz que quando chegou aqui, só tinha mata. Ela dizia: “oia meus fio só passava cobra”. Os nego não abria estrada que era pra os brancos não encontrarem eles. Aí eles foram se ajuntando, o povo tudo corria pra cá né, aí diz que fazia aquelas barraquinhas de pindoba, e ficava ali escondido, quando pensava que não apareceu outros, corrido, tornava a fazer outra barraquinha. Eles vinham desse Sertão pra lá. Enrabavam de lá pra cá, era o lugar desocupado. Eles trabalhavam apanhando, aí só podia fugir. O bisavô de mãe saiu fugido com a perna cortada de machado, e eles batiam, era nisso aí que mãe chorava. Que eles batiam, ele doente e eles batiam pra ele trabalhar. O filho dele que tinha fugido foi pra o lugar do pai pra o pai fugir. Meu avô fugiu. Logo, logo o filho também fugiu, não aguentou o reio. Tudo se aboletaram por aqui. **(Dona Jardelina)**



Figura 2: Dona Jardelina, Quilombola de Casinhas. (PEREIRA)



Figura 3: O trabalho na tradição do plantio de mandioca. (PEREIRA)

Lá nas terras onde eles eram escravos plantavam mandioca, milho, fava, parece que não havia feijão e era fava, que eles chamavam de fava égua. Aí agora, mãe contava essas histórias, aí ia dizer como era que a mãe tinha chegado aqui, se ajuntavam aquele bolinho de gente tudo fazendo os barraquinhos de paia de pindoba por aqui por dentro, se achegava os casalzinhos tudo correndo, chegando um, chegando outro, e rendendo a família. Quando pensa que não, encheu as Casinhas. **(Dona Jardelina)**

O nome de Casinhas é porque as pessoas não conheciam o que era uma casa de telha, era só aqueles ranchos de Pindoba. Hoje já tem até umas casas grandes, mas aqui continua com o nome de Casinhas. (Zé Lino)

As Casinhas dos nego fugido, era lá embaixo em Judito. Pra cá não tinha nada. Coronel João Sá controlava as pessoas que viviam de catar comida nas feiras. As pessoas trabalhavam pra ele por comida. Os negos que fugia desse controle ocupava as terras de erel¹. Essa região era de difícil acesso. Antigamente não havia cemitério aqui no povoado, a gente tinha que enterrar em vasos de licuri 10.5 quilômetros daqui, carregava o defunto nas costas duas léguas. Os primeiros moradores eram Ponciano e Norato que era negro, Rodolfo era branco. **(Seu Benício)**

¹ A comunidade define com terra de erel aquelas que sobram após os cercamentos feitos pelos coronéis.



Figura 4: Morador das Casinhas, Quilombola. (PEREIRA)

Tem povo que é quilombola e nem sabe. Perguntam: “o que é quilombola?”. Já tentaram entrar com o processo de reconhecimento através de um pedido feito ao Secretário de Ação Social, Beto Borges, que pediu a documentação como quilombola e hoje é reconhecida. (Aderval)



Figura 6: Igreja no Quilombo Casinhas. (PEREIRA)

Já cristianizados, os negros desenvolveram na Comunidade práticas religiosas com predominância da liturgia católica. Porém, com fortes elementos do catolicismo popular, a exemplo da dança de São Gonçalo e da Novena de Zabumba. Algumas casas ainda guardam a memória do culto afro-religioso, destacando-se a residência de Seu Didi. Existindo também, uma atuação de grupos protestantes na comunidade.

TRADIÇÃO, RELIGIÃO E FESTIVIDADES

Oia, mãe contava que ajuntou o magote de nego, tudo nego, não tinha branco, só era nego, aí inventaram. Disseram: “Oxe! É pra nós viver aqui sem divertimento nenhum? Vamo inventa um negócio? Vamos!”. Aí juntou o magote nego novo e nega nova. Aí disseram: “Vamos inventar uma brincadeira? Vamos!”. Aí inventaram o principal. “Vamos brincar na roda? Vamos!”. Inventou o batuque. No batuque que inventaram foi que chegou dois brancos, dois brancão. Deixe que os brancos tava achando bonito, mas eles já estavam desconfiados que já tinham fugido dos brancos. Teve um mais duro que disse: “já tamo cansados de fugir, não vamos correr mais não, dos tempos que tamo aqui”. Então puxou uma cantiga que falava assim: “brinca nego, branco não vem cá, se vier leva manguá”. Os brancos correram. Os brancos enrabaram com os negros, e os negros quando chegaram aqui botaram moral. (Dona Jardelina)

O Principá, é um mangote de nego agarrado na mão dos outros, um vem pra lá outro vem pra cá, para o lado direito, outros pra o esquerdo, cantando: “Menina do principá direito pra não errar, anda ligeiro Catarina manivela eu passo pela capela vejo o padre no altar”. O batuque é na zabumba e no pandeiro. (Dona Jardelina)



Figura 5: Dança do batuque com cantiga de roda. (CARTOGRAFIA)

Dizem que eles dançavam o Candomblé, mas minha mãe não falava muito dos feiticeiros não. Falava assim: “Aculá tem um macumbeiro dançando Xangô”. Ela não era chegada, falava assim mas ela não participava não. A mãe de Zelino é que era Xangozeira. Aqui tinha as rezas pra tirar mal olhado, se você está doente de quebranto, aí ia pra o rezador. Meu pai era rezador, saia pra todo canto rezando o povo, o veio era rezador de primeira, saia gente de todo canto e sarava viu, se não fosse pra morrer. Tinha também a Novena de Zabumba², aí os negros rezavam na quaresma, cevava porco pra matar na época, matava galinha, pra todo mundo. Era uma festa depois da reza. (Dona Jardelina)

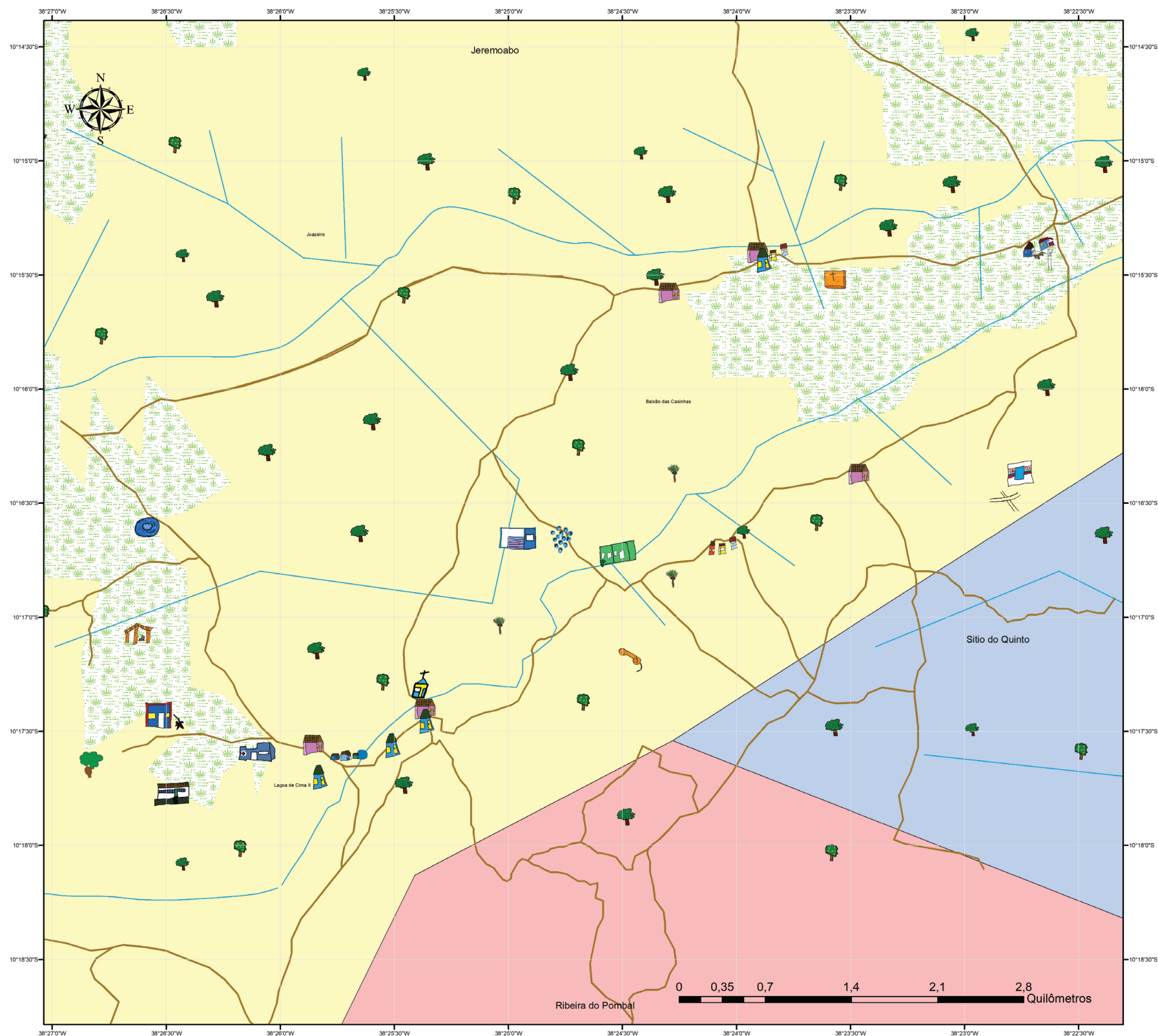
Aí nós vai e paga a promessa. São Jerônimo é o padroeiro daqui, na festa tem gaita, flauta, zabumba... É em setembro. Dona Maria de Jesus é rezadeira e Didi também. (Sr. Benício)

² Nos lugares onde a presença da Igreja católica era pequena, após a romanização se desenvolveu o catolicismo popular administrado pelos leigos. Nestes tempos se misturava práticas da religiosidade indígena e de matriz africana aos rituais católicos.



Figura 7: Tocador de Zabumba. (PEREIRA)

Cartografia da Comunidade Quilombola de Casinhas - Jeremoabo/BA



Legenda

- | | |
|----------------------|------------------|
| Poço Artesiano | Orelhão |
| Olaria | Tranqueira |
| Casa de Farinha | Casa de Judito |
| Escola | Cemitério |
| Posto Médico | Campo de Futebol |
| Garagem | Igreja |
| Nascente de Lixandre | Fonte d'água |
| Praça | |
| casinhas | Barriguda |
| casinhas | vegetação |
| casinhas | vegetação |
| casinhas | vegetação |

Convenções

- | |
|--------------------|
| Riachos |
| Estradas |
| Caatinga Arbustiva |
| Ribeira do Pombal |
| Sítio do Quinto |
| Jeremoabo |

Nova Cartografia Social do Brasil
Série: Projeto Quilombos

Núcleo do Rio São Francisco da Nova Cartografia Social do Brasil

Equipe de Elaboração:

Álvaro Ribas
Ana Paula Arruda
André Souza
Alzení de Freitas Tomaz
Lucas Martins
Juracy Marques
Eder Marinho

Mapa e cartografia:

Álvaro Eduardo Mascarenhas Ribas
André Luis Oliveira Pereira de Souza

Fonte:

IBGE 2010 - Mapa Municipal Estatístico
Croquis da Comunidade Quilombola de Casinhas

Sistema de Coordenadas Geográficas: SIRGAS, 2000.

São Gonçalo³ é do tempo dos meus avôs. Quando eu nasci era meus avós dançando, passou para meus pais, hoje sou eu. Não há tempo, é conforme a pessoa faz a promessa. (Seu Zelino)

Observa-se também a presença marcante e ancestral dos rezadores, fazendo uma “mistura” entre magia e religião, com vasto conhecimento da fitoterapia. Utilizando-se também raízes, cascas, folhas e sementes, como matéria para suas curas. Prática muito comum entre os rezadores, conhecidos também em outras regiões como curadores. (Seu Didi)

Então, eu faço parte de um rezador e também faço parte do Candomblé, só que eu não danço eu me concentro, eu faço consulta. Já teve drama muito pesado aqui que a gente já resolveu, a gente não, Jesus a pedido da gente. Muita gente aqui sabe que já foi beneficiado na minha casa, fora o povo que já veio de fora. Quanto mais doente, mais eu gosto de rezar para ver a melhora. Muitos casos eu passo para minha mãe que também é rezadeira. Então eu já puxei pelo meu próprio avó, o Miguel Vitor, que era um grande rezador, que ia pra todo canto, as cidades mais longe, aí eu já nasci com esse dom, acho que já puxado pela raiz. Graças a Deus eu não tenho nada ensinado por livro nem por ninguém, foi uma obra da natureza que Deus já me deixou com meu dom puxado pelo meu avó que era caprichado na ciência. (Seu Didi)

As forças que me acompanha é em primeiro lugar Jesus, porque sem Jesus ninguém tem força pra nada. Depois de Jesus a gente tem os encantados, a minha concentração vê encantado e ainda vê. O povo diz que não existe alma, que depois de morto ninguém vê nada, mentira, a minha concentração vê tudo. Eu converso com os mortos, a minha concentração vê quando tem um morto encostado na pessoa, quando tem um espírito mal encostado na pessoa. Só que ninguém me vê, acha que eu sou um ninguém, só que no fundo eu tenho um pouco de inteligência, dada por Deus. (Seu Didi)

É importante também observar que esta vocação natural para questões voltadas à saúde, se configura através do culto a São Cosme e Damião e São Lázaro⁴. Dois santos da liturgia católica, cuja vida se relaciona com essa temática e que ocupa lugar de destaque na igreja da comunidade.

3 Dança de São Gonçalo, oriunda do catolicismo, é muito praticada em várias comunidades desta região. É destinada ao pagamento de promessas. A influência africana presente na melodia, no ritual, na coreografia, nas estrofes e nas vestimentas.

4 Apesar de ser Jerônimo o padroeiro da Comunidade, eles matem no Altar da Capela as Imagens de São Cosme e Damião e São Lázaro, bem como Nossa Senhora Aparecida. Nas casas dos moradores antigos é comum a imagem de Cosme e Damião.



Figuras 8 e 9: Olho d'água na comunidade Casinhas. (PEREIRA)

Eu tenho concentração com São Cosme e São Damião, e nos trabalhos eu tenho a parceria de Cabocla Janaína, Cabocla Iansã, a mãe d'água, Santo Antônio das Matas, os de luz, que fazem parte com Jesus contra outras forças. A Bíblia diz que tem a direita e tem a esquerda, eu trabalho com a direita. A esquerda é do mal, Zé Pelintra, Maria Padilha, Marujo, Exu Caveira e outros que não lembro o nome. Quando as pessoas precisam da esquerda, vai para Jeremoabo, Novo Triunfo. Xangô é para a esquerda porque lá faz o bem e o mal. (Seu Didi)

Na comunidade, uma memória recorrente sobre a Umbanda está associada aos rituais que era feito por Dona Francisca Júlia Bonfim, nos Covão, próximo do Olho d'Água do Lixandre⁵.

Eu era criança e sempre ia pra lá (casa de D. Francisca). Sempre pra amanhecer no sábado de aleluia, o Acordar Aleluia, com um monte de tambor. Ela num deixava ninguém dormir, dizia umas palavras, eu era criança num entendia muito. Ela ficava cantando com chocalho, rodeando a casa. Era uma tradição. (Adevaldo)

Aqui tem evangélico Batista. Eles não entendem que Candomblé é de Jesus, Xangô⁶ e coisa dos antigos velhos. (Seu Didi)

5 Seu Joselino diz que Olho d'Água tem esse nome, porque foi feito pelo negro Lixandre, que construiu o Olho d'Água que abastece a comunidade.

6 É importante observar que os moradores identificam Xangô não como Orixá, mas como um ritual demoníaco, entretanto o padroeiro da comunidade é São Jerônimo que no sincretismo religioso é identificado como Xangô. Orixás dos raios e trovões.

TERRA E TERRITÓRIO



Figura 10: Terras de Erel. (PEREIRA)

Nasci e me criei aqui, só tinha mata, só tinha uma estradinha pelo meio. A gente rogava o terreno, plantava dentro e comia o que dava. Coronel João Sá, foi pegando as terras e espremendo os negros pra cá. As casinhas eram lá embaixo, mas o coronel foi tomando a terra e espremendo, espremendo e todo mundo vindo pra cá. Ele fez as escrituras como quis. Muita gente foi embora. A gente tinha que trabalhar pra ele até em troca de comida, porque não tinha nada pra comer e não tinha terra pra plantar. (Sr. José Carvalho dos Santos)

Hoje todo mundo bota roça, alguns são meeiros, planta na roça de outras pessoas, na roça de Adevaldo. Dr. Cidônio é quem mais tem terras aqui, da estradinha pra lá, tudo é de Dr. Cidônio, pra cá é de outras pessoas. Nós não temos a posse da terra, algumas pessoas têm documentos, outras não. (Sr. Benício)

Minha mãe veio de Baixa Verde em Pernambuco, e as terras que a gente conseguiu aqui roubaram da gente. Digo roubaram porque tive que vender 20 tarefas por 500 reais. O coronel disse que se não vendesse eles invadiam, o nome do homem era Alivaldo. (Maria de Jesus Gonçalves)

A pobreza que está demais. Uns tem e outros não tem nada, e é importante os que não tem, ter. Uns tem terra e outros não tem. A gente precisa plantar e não tem. (Dona Maria)

A gente vive tudo se acabando, trabalha na roça dos outros. Quando é inverno a gente vai se batendo por falta de serviço. Não tem um fazendeiro forte para dar emprego. Quando aparece algum emprego fica todo mundo brigando, é capaz de se matar um. Os jovens não tem como viver. O caminho de Seu Paulo é quem paga. Os velhos vêm sustentando os novos. (Sr. Benício)

Aqui se planta milho, feijão, mandioca, capim, cajueiro. O que mais sustenta a comunidade e a feijão que plantamos para comer. A farinha de mandioca e a castanha produzimos para vender também. O beiju, fazemos para comer também. (Adevaldo)



Figuras 11, 12, 13 e 14: A produção e as sementes Criolas. (PEREIRA)

Plantamos de maio a junho – período do inverno. O resto do tempo se planta mandioca, limpa o pasto, trabalha na roca. Vendemos o suor. (Sr. Zelino)

No passado tinha muita abelha e agora está difícil, mesmo as frutas tá difícil. Se fosse viver dessas frutas morria de fome. As pessoas botam fogo no mato e afasta as abelhas e perde as frutas. (Sr. Zelino)

Aqui tem porco, gado, galinha. A dificuldade é que não temos a terra para botar a criação (dos presentes só sete pessoas tem terra, pouca tarefa) e se juntar essas tarefas não dá pra nada. Uma média de 2 a 5 tarefas. (Sr. Zelino)



Figuras 15, 16, 17 e 18: Frutas, pequenos animais e gado ainda fazem parte da produção. (PEREIRA)



Figura 19: Moradora da Comunidade Quilombola Casinhas. (PEREIRA)

CONTATOS

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS – JEREMOABO/BA

NÚCLEO DE PESQUISA DA NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO BRASIL NA BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO

alzenitomaz@gmail.com | juracymarquespshy@gmail.com

SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

E-mail: editora.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

Realização

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS – JEREMOABO/BA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS
DO BRASIL - PROJETO QUILOMBOS | Série: Comunidades Quilombolas

1 COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS - JEREMOABO/BA

2 COMUNIDADE QUILOMBOLA BAIXA DE QUELÉ - JEREMOABO/BA

REALIZAÇÃO

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASINHAS - JEREMOABO /BA

APOIO



FORDFOUNDATION



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PNCSEA